

# Notas e Resenhas

## UM LUGAR NO TEMPO E NO ESPAÇO EM “A MONTANHA MÁGICA”

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 395-400, mai./ago. 2016.

A vida é, com efeito, a incessante relatividade os opostos, a determinação de cada um pelo outro e do outro por cada um, a mobilidade ondulante na qual cada ser pode existir unicamente como um ser condicionado. mas da impressão da alta montanha, chega até nós um pressentimento e um símbolo contraposto: que na sua máxima elevação a vida se liberta naquilo que não cabe mais na sua forma, mas está acima dela e em face dela. (Georg Simmel. **Os Alpes**, p. 58).

As palavras expressadas por Simmel (2011), nesta epígrafe, são reflexões sobre o símbolo contraposto entre a vida e a montanha. Entre a determinação de uma pela outra. A impressão do pressentimento contido na alta montanha e a libertação da própria vida que se extrapola de sua forma, porém continua acima e ao lado dela.

Aqui, esperamos percorrer sobre “a montanha mágica” de Thomas Mann, incitando uma leitura fenomenológica desta obra monumental. Procuraremos desvendar os elos que interligam o escritor, a montanha dos Alpes, o Sanatório com a doença e seus doentes e a própria montanha mágica.

Para se deslindar essa “trama e drama” é preciso se sentir doente e se aprofundar no significado da vida e da morte, é mergulhar-se no âmago do **tempo** a situação entre guerras. Tudo se passa em dois planos. Nas montanhas, o **espaço** é o sanatório, a segurança. Enquanto, nas planícies, o **espaço** já se prepara para o que está vindo, a guerra. Apesar das pessoas estarem doentes (tuberculosas), muitas desenganadas, estão protegidas da hecatombe. A montanha é mágica, resplandecente, iluminando a “planície” tentando dar um aviso, um alarme que o “ovo da serpente” está sendo gestado, por pessoas sadias de corpo, mas doentes de espírito. Porém, todos estão em busca dos labirintos recônditos em um **lugar**, o Sanatório Berghof. É um microcosmo social onde tudo se relativiza: tempo, espaço e lugar.

Assim sendo, nossos conceitos e noções de tempo, espaço e lugar perpassam os fundamentos de uma geografia fenomenológica, com uma abordagem humanista. São experiências e vivências. É um espaço/tempo existencial, vivido no cotidiano das pessoas. É um lugar singularizado, um modo particular de se relacionar com o tempo e com o espaço. É um pensar metafórico, simbólico, intersubjetivo. É uma perspectiva poética, literária, onde uma geografia e uma história se cruzam em uma visão onírica de uma “montanha mágica”.

---

<sup>1</sup> Texto elaborado no contexto da pesquisa realizada junto ao Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM).

## O ESCRITOR HUMANISTA

The value and significance of my work for posterity may safely be left to the future; for me they are nothing but the personal traces of a life did consciously, that is, conscientiously. (Thomas Mann. **Biographical**).

Thomas Mann (1875-1955), alemão, nasceu em Lübeck, cidade da Liga Hanseática, porto do mar Báltico. Seus ascendentes foram ricos comerciantes de grãos, por gerações. Na escola, de início, encontrou dificuldades na aprendizagem das letras e das contas. Acabou adquirindo seus conhecimentos básicos de maneira autodidata, sempre teve tendências para o jornalismo e a literatura, interesse pelas obras dos filósofos Schopenhauer e Nietzsche e pela música de Wagner. Escreveu pequenos contos. Em 1912 publica a sua famosa "Morte em Veneza", com personagens marcantes, sobre um amor obsessivo e sem esperanças entre um homem maduro e um jovem. O tema foi adaptado para o cinema por Luchino Visconti, com cores e tomadas que se tornaram célebres, tendo como fundo musical a 5ª Sinfonia de Mahler, os canais e os palácios da cidade de Veneza.

Em 1924 escreveu sua obra prima "A Montanha Mágica". Em 1929 foi laureado com o prêmio Nobel de Literatura.

No ano seguinte, 1930, publica mais um livro "José e seus irmãos", uma história bíblica. Sofreu perseguições durante o nazismo, obrigando-o a fugir da Alemanha e perambulou por vários países como Suíça, Dinamarca e Holanda. Em 1937, a Universidade de Bonn cassou-lhe seu doutorado honorífico; somente, em 1946, após o término da 2ª Guerra, é que lhe foi restituída a honraria. Torna-se cidadão norte-americano em 1940 e morou cerca de dez anos, na Califórnia. Com o fim do conflito mundial, retornou várias vezes ao continente europeu, recebendo em 1949, o Prêmio Goethe, das Alemanhas Ocidental e Oriental.

Mann foi um admirador da literatura russa. Leu sofregamente os livros de Tolstoy, Dostoievsky e Turgenev. Escreveu vários ensaios sobre esses escritores eslavos. O último grande trabalho, de Mann, foi "Doutor Fausto", de 1947. Também foi às telas, com uma inovação com os acordos de Schönberg, o tema do pacto com o diabo. Nesse mesmo ano foi operado de câncer do pulmão. Volta, finalmente para a Europa, se fixando em Zurique (Suíça) onde morre em 1955.

Mann, em seu encontro com a vida e com a literatura se revela um escritor com preocupações humanistas, um verdadeiro exemplo do humanismo do século 20. Suas obras nos escancaram os conflitos humanos morais, psicológicos e políticos. Estão presentes os embates entre grupos que procuram saídas para a Europa combalida com tantas guerras e tantas desavenças. Seu compromisso como literato é nos revelar a busca dos homens e suas construções de liberdade, de expressão, de harmonia entre o mundo individual e o mundo da sociedade. O que perdura em sua caminhada de um país para o outro é a indagação fundamental, filosófica, e por que não dizer fenomenológica, do ser e sua ambiência; a vida do homem na Terra.

Um detalhe de sua biografia é que sua mãe Júlia da Silva Bruhns, era brasileira, de Parati. E sua esposa Katja Pribgsheim, filha de uma família abastada de Munique, com quem teve seis filhos. Em 1912, a esposa do escritor, esteve internada em um sanatório da Suíça, para se tratar de uma tuberculose.

## A MONTANHA E OS ALPES

Eis o paradoxo da alta montanha: que todo o alto se encontra sobre a relatividade de acima e baixo, é condicionado pela profundidade... (Georg Simmel. **Os Alpes**, p. 57)

Os Alpes são um maciço compacto, montanhoso com altos picos e neves eternas e vales profundos. Situam-se na região central da Europa Ocidental, pertencentes à França, Itália, Alemanha e principalmente à Suíça. Os recortes alpinos de acima, abaixo e de profundidade, revelam algo de inquietude, de grandeza, de magia, produzindo tensão, um misto de agitação e de paz. A Montanha se transforma, se ilumina, resplandece, ao sol e à lua.

As Montanhas Alpinas em suas essências e suas formas estéticas revestem-se de uma paisagem peculiar com significado fenomenológico. Simmel ao contemplar as montanhas com um olhar artístico, vê nos Alpes suas formas plásticas e geográficas, com seus:

... rochedos que se erguem desmesuradamente, as quedas de gelo transparentes e reluzentes, a neve dos picos que já não tem qualquer relação com as partes baixa da terra são outros tanto símbolos do transcendente, que conduzem o olhar espiritual a ascender até onde, mesmo rara além do maior dos perigos, ainda permanece alcançável o que é inacessível à mera força de vontade. SIMMEL (2011, p. 54).

Os Alpes, além de qualquer outra paisagem revelam-se, silenciosamente a existir, pouco inalterável, como uma unidade presente, estética e geográfica. Ainda, nas palavras de Simmel:

O que não deixa de ser admirável é que a altura e o sublime dos Alpes só podem ser inteiramente sentidos quando na paisagem nevada se desvaneceram todos os vales, vegetação, habitações humanas, portanto, quando nenhum baixo é mais visível e toda via parece condicionar a impressão do alto. SIMMEL (2011, p. 57).

De repente eclode o inverno alpino rigoroso, duradouro e penetrante; o frio aumenta a cada dia mais. Os meses de novembro, dezembro e janeiro (tempo cronológico) é um tempo meteorológico. Os tempos se confundem na brancura da neve, nos picos gelados. As formas se diluem na neblina, na chuva, nos caminhos.

Assim, descreve esse inverno incessante e silencioso, o personagem de Mann:

Gelava de noite, e agora gelava também de dia, desde a manhã até a noite, enquanto a nevada prosseguia

...

As montanhas ao redor estavam revestidas de neve que se figurava áspera nas regiões mais baixas e ocultava sobre uma coberta macia os cumes multiformes, que ultrapassavam o limite das árvores.

...

Terminara a nevada. O céu abria-se parcialmente...

Reinava em pleno novembro um frio límpido, um esplendor invernal, puro e constante...

E principalmente de noite, quando subia a lua quase cheia, o mundo apresentava-se enfeitado de um modo milagroso. Uma cintilação de cristal, um resplendor como de diamantes ostentava-se em toda parte.

Thomas Mann. **A Montanha Mágica**, p. 300-303.

Esta é Montanha Mágica, brilhante na neve, fria no inverno, imponente como os Alpes, refúgio de pessoas doentes, que buscam a liberdade, rompendo as garras da doença e da violência das guerras.

## O SANATÓRIO: A DOENÇA E OS DOENTES

- Como vê, o nosso sanatório está situado mais alto que a aldeia, continuou Joachim (p. 18)

...

- Verdade é que o fato de eu estar um pouco doente constitui para mim uma surpresa. Ainda preciso familiarizar-se com a ideia de ser paciente e pertencer à roda de vocês, em vez de me sentir apenas, como visitante (p. 209).

O Sanatório Berghof se situa em Davos – Platz, perto de uma vila Alpina, como tantas outras. A localização do sanatório atende à altitude montanhosa, com ar puro e clima frio, como preconizava, na época, o tratamento da doença. É interessante notar que nas 800 páginas de, “A Montanha Mágica”, o autor, nenhuma vez usa a palavra tuberculose ou tísica. É sempre lembrada e dita como doença. As indagações, as reflexões entre os doentes e os médicos permeiam as preocupações de vida e morte.

“Que é o corpo? Que é a carne? Que é a vida?” (p. 298). Este corpo humano é composto de água e albumina. A vida é uma “oxidação”, é a destruição orgânica. Viver é morrer. Quem se interessa pela vida? O interesse maior das pessoas é pela morte. “Viver significa, que na transformação da matéria, se conserva a forma” (p. 299). A vida é uma combustão contínua das proteínas, que nos mantêm vivos. Isto é **tempo/ espaço**. Um acoplado ao outro. Os dois lados de uma mesma moeda. Vida e morte.

O corpo humano, mais especificamente, o pulmão é o **lugar**, onde se proliferam os bacilos de Koch, causadores da tuberculose. Ao se tratar dessa doença, nas primeiras décadas do século vinte não havia uma medicação específica. O tratamento indicado consistia, apenas, na internação em um sanatório, nas montanhas. Supunha-se que o ar frio e puro das alturas seriam suficientes para debelar o mal. A terapia consistia na aplicação da técnica do pneumotórax. Não eram obrigatórios a quarentena, o isolamento, desinfecção concurrente, muito menos notificação às autoridades sanitárias. (Bencnson, 1987, p. 462-469). Efetivamente não separavam as roupas, as louças dos doentes das dos sãos (funcionários, médicos), nem pensar em fervê-las. Na realidade, não se reconhecia a presença e existência de microrganismos, pois não eram vistos a olho nu. A conquista dos pesquisadores que tinham observado e isolado, microscopicamente o bacilo, não se relacionam diretamente com as práticas médicas de higiene e saúde pública.

Ao longo de todo o livro se constata que os enfermos não viviam isolados. Conviviam em contato muito próximo com as visitas, empregados hospitalares, inclusive os médicos. Os internados fumavam, ingeriam bebidas alcoólicas, faziam grandes caminhadas ao sol; não faziam repouso. Enfim, o sanatório era, na verdade, um grande e luxuoso hotel. Doentes e visitas desfrutavam das mesmas mesas, talheres, louças. Trocavam os trajes para cada refeição. Era um desfile de ideias, de troca de informações, de discussões filosóficas, de fofocas e talvez, nas entrelinhas, uma certa morbidez, com a presença contínua da doença e da morte.

Durante o século 19 e nas primeiras décadas do século vinte, a tuberculose grassava em toda a Europa, e especial na Alemanha. Atingia todas as classes sociais e todas as idades. Era uma doença “romântica”, cantada aos acordes do romantismo. As divas das óperas, as donzelas dos romances, os homens de negócios, os artistas sucumbiam sob as garras da tísica. Eram mulheres e homens pálidos, frágeis, diáfanos, românticos, sempre suspirando e levando um lenço de rendas à boca, para disfarçar a hemoptise.

Tiraremos uma vista bonita do seu interior; o senhor gostaria de espiar para dentro a sua própria pessoa. Mas, já lhe digo uma coisa: um caso como o seu não fica bem de hoje para depois de amanhã (p. 206)

...

Anatomia de raios X, compreende? Um triunfo dos tempos modernos (p. 242)

## A MONTANHA MÁGICA

Onde estamos o que é isso. Aonde nos levou o sonho. (Thomas Mann. **A Montanha Mágica**, p. 978).

"A Montanha Mágica", clássico da literatura alemã e universal, é um clamor simbólico de um **tempo** (entre guerras) e um **espaço** (Alpes suíços) em busca dos labirintos recônditos de um **lugar** (Sanatório Berghof). É um microcosmo social, geográfico e histórico, onde tudo se relativiza: tempo, espaço e lugar. Estes três conceitos se sobrepõem, nesta obra monumental, profunda e sublime, se entrelaçando na procura da defesa da liberdade de expressão individual, transcendendo a própria vida e a morte.

O **tempo**, nas montanhas, é a monotonia, a repetição das refeições, dos tratamentos sem fim, o tédio mórbido das tardes languidas nas varandas. É a espera desesperada do avanço ou recuo da enfermidade. Enquanto **no tempo** da "planície", já se ouvem os troares dos canhões, o ruído das bombas explodindo, sacudindo a aparente tranquilidade, provocando sobressaltos como pesadelos nos doentes acamados em seus catres. O mais marcante é o **lugar**, com a presença constante da febre, dos calafrios, da tosse, do escarro sanguinolento. O leito do doente é um **lugar** incômodo, estranho, povoado de fantasmas do passado (dos **tempos** de paz e de saúde) do presente (o **espaço** sufocante das paredes brancas da enfermaria) e do futuro (encerrar o **tempo/ espaço e lugar**) a persistência da doença e das declarações de guerra. O **lugar**, ontologicamente, é a cama do doente no sanatório que procura se libertar da doença (perda da saúde), e epistemologicamente é a presença da tuberculose, da guerra.

Entre doentes e médicos trocam ideias, discutem sobre **tempo e espaço**:

Que é o **tempo**? Um mistério: imaterial e – onipotente. É a condição do mundo exterior; é um movimento ligado e mesclado à existência dos corpos no **espaço** à sua marcha. Mas, deixaria de haver **tempo**, se não houvesse movimento? Não haveria movimento sem **tempo**? É inútil perguntar. É o **tempo** uma função do **espaço**? Ou vice-versa? Ou são ambos idênticos? (MANN, 1994, p. 384)

Estas reflexões continuam, procurando uma saída, uma resposta satisfatória. O **tempo** é ação, é verbal, implicando sempre na transformação, contendo movimento e pausa. "O Agora não é o Então: o Aqui é diferente de Ali, pois entre ambos se intercala o movimento": Porém, ao descrever o círculo se fecha sobre si mesmo, medindo-se o **tempo** pelo movimento, e o **espaço** pelo limitado. Os problemas colocados se apresentam como hipóteses sobre eterno e infinito, conceitos de distância, movimentação, transformação ou existências dos corpos no Universo. Pode-se supor um **tempo** finito e um **espaço** limitado ou enunciar em **tempos** infinitos e **espaços** eternos?

O que se dizer da vida ou da morte? Uma mirada é uma busca do sentimento, do visceral, da condição do viver e do morrer; é percorrer as fronteiras do Aqui e do Agora. Aqui, o **lugar** (cama do doente) é o contato prematuro com a morte. Agora, neste lugar (sanatório) é a esperança de recuperar a saúde, enfim é a vida. Nestes **lugares** as indagações brotam na procura da compreensão destes mistérios, destes labirintos que se alternam entre a esperança e o desânimo, a ânsia de viver o medo de morrer. Como é se sentir doente? Como é se tornar doente? Como é perder a saúde?

Estas questões candentes e simbólicas estão amarradas aos verbos, às ações: sentir, tornar-se e perder. O sentir é a vontade premente de se livrar da doença, da guerra. O tornar-se é um combatente, um soldado a defrontar com a morte. O medo é perder a liberdade com a chegada da guerra. O doente, por seu estado de saúde, está confinado a morar ali, naquele **espaço**. Enquanto, o soldado deve sempre estar preparado para entrar em combate, neste **tempo**. E como esperam sair deste **lugar**? Livrar-se dessa doença e dessa guerra? Todas estas inquietações estão expressadas ao longo do capítulo seis, em que Thomas Mann estabelece relações filosóficas e humanistas sobre a doença, a saúde, a guerra, a liberdade, o **tempo**, o **espaço** e o **lugar**.

Os personagens são pessoas que percorrem os atalhos da "montanha" e da "planície", em busca de explicações, de saídas para o viver, o amar e o morrer. Procuram romper as amarras da doença e da guerra, fugindo dessa sociedade decadente. Onde está a explicação? Em si mesmas ou nos outros e no próprio mundo que os rodeia? O âmago da busca é o encontro basilar, primordial do Homem com a Liberdade. Este é o compromisso do autor, presente em todas as suas palavras, em defesa do humanismo, hostilizado pela violência e pela opressão. Assiste-se, assim, ao embate de todas as propensões, dos conflitos filosóficos, políticos, sociais, morais, que estão presentes ao longo de todas as páginas do livro.

Depreende-se das palavras de Thomas Mann: o **tempo** que paira sobre a "planície" é de medo, de apreensão; o **espaço** da "montanha" é de salvação do Homem, diante do poder da morte: e o **lugar** é o sentido da procura da vida, da liberdade, do amor.

Ah, toda essa juventude, com suas mochilas e baionetas, com as capas e as botas enlameadas! Sonhando de modo humanístico – estético, poderíamos imaginá-la num quadro diferente. Poderíamos ter a seguinte visão: esses jovens montando e lavando cavalos numa enseada do mar, caminhando pela praia em companhia da namorada...

Em lugar disso, jazem ali com o nariz no barro bombardeando (MANN, p. 800).

## REFERÊNCIAS

- BENCNSON, A. S. (Ed.) **El control de las enfermedades transmissibles en el hombre**. Tuberculosis. Washington: OMS, 1987, 536, p.
- MANN, T. **A Montanha Mágica**: Rio: Nova Fronteira, 10ª edição, 1994, 801 p.
- SIMMEL, G. "Os Alpes", in SENÃO, A. V. (Coord.) **Filosofia da Paisagem**, Lisboa: Coleção NESHETICA, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, 502 p.

*LÍVIA DE OLIVEIRA*

(Geografia, UNESP de Rio Claro, IGCE - Professora Emérita - Av. 1, 705 - apto. 43 - Edifício Tessália - Rio Claro-SP)

## O RURAL E O URBANO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

**GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 400-402, mai./ago. 2016.**

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de; MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo (Org.). O rural e o urbano na região metropolitana do Recife. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2015. 199p.

No Brasil o processo de metropolização ocorreu de modo distinto ao longo do território do país. Nem sempre as regiões metropolitanas foram delimitadas por conceitos como conurbação urbana e concentração populacional, já que ficou a cargo das unidades da federação estabelecê-las. Por isso, como demonstram vários estudos coordenados pelo Observatório das Metrôpoles (<http://www.observatoriodasmetrolopes.net/>), algumas regiões metropolitanas do Brasil não atenderiam a critérios acadêmicos, sendo definidas apenas por argumentos políticos.